

Coletânea Humor:

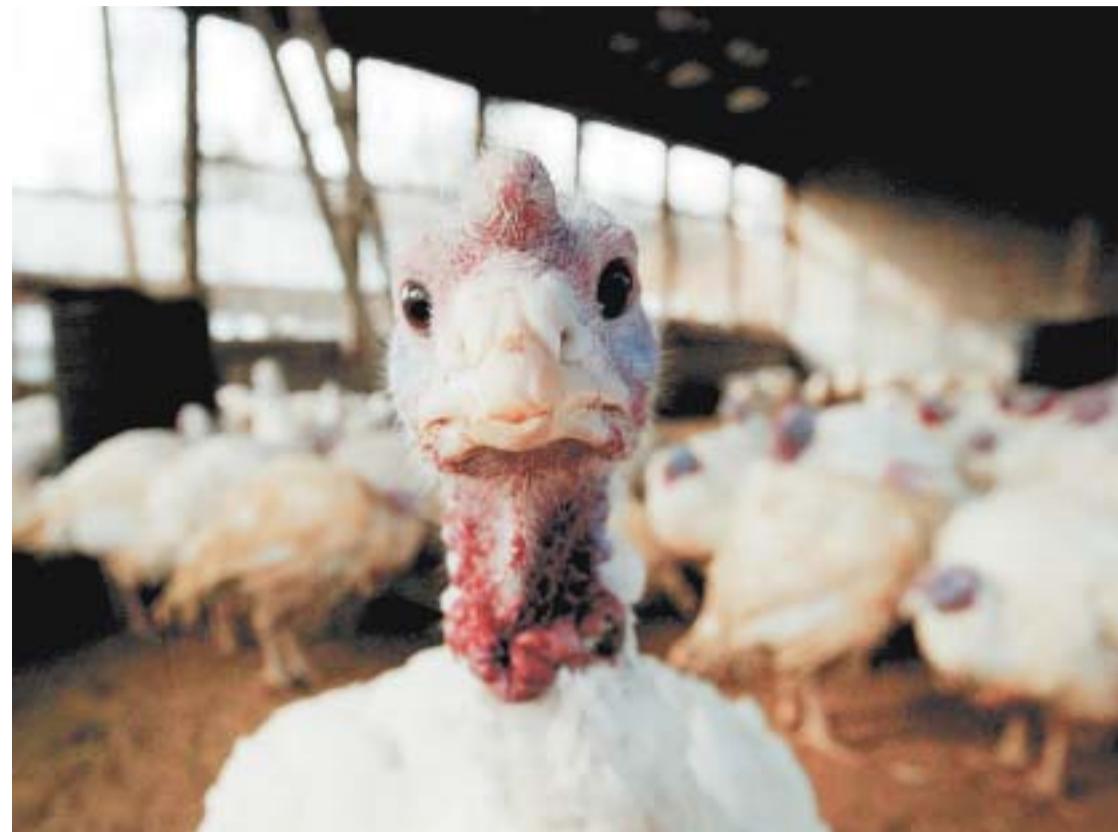
# 'Peruísmos' na belle époque literária

Coleção *Leitura Maior* reúne textos de Coelho Neto, Tobias Barreto e Olavo Bilac, entre outros autores

Elias Thomé Saliba  
Especial para o Estado

Pouco importa se na tradição popular hindu o bicho da fábula fosse um cabritinho. Ou um carneiro, na versão árabe. Na narrativa ocidental, o bicho que inspira piedade é um peru que, certo dia, ao aproximar-se do Criador queixou-se de sua situação: "— Todas as criaturas — diz o peru — querem me transformar em seu alimento. Como é possível senhor, que eu lhes sirva só como alimento? Acha isto justo?" E a surpreendente resposta do criador do universo: "— Que posso te dizer, meu filho, se Eu mesmo, quanto te vejo, fico com água na boca?" A fábula foi recontada em centenas de versões, com detalhes que quase sempre insistem na ingenuidade e na burrice do peru e na sua incapacidade de ultrapassar um círculo de giz, preso numa cerca imaginária, que a ingênuia ave acredita ser real. Provavelmente foi essa fábula, muito disseminada no período da nossa belle époque literária, que serviu de mote para muitas das divertidas e pitorescas narrativas de Tobias Barreto, Olavo Bilac, Coelho Neto, José Severiano de Resende e Aluísio Azevedo, oportunamente reeditadas em bonita e caprichada edição, a *Coleção Leitura Maior* (Barcarolla/Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, caixa com 5 volumes, R\$ 89,50).

No caso de Tobias Barreto a inspiração foi direta, como no bem-humorado ensaio *Teoria do Peruísmo ou Filosofia do Peru*, escrito em 1883. Mais conhecido por seus sisudos ensaios filosóficos, aqui encontra-



INGENUIDADE - Ave (ou seriam os homens?) se mantém presa numa cerca imaginária

mos um Tobias bem à vontade, vestido com pijama e calçando chinelo: através da metáfora do peru que não consegue ultrapassar o círculo de giz ele avalia a ingenuidade humana e, por extensão, a dos pensadores e "explicadores" do Brasil, saindo-se com esse "profundo" dilema filosófico: "Ou o peru é um idealista, ou o homem também é um peru." Se o ensaio não responde a tal dilema, pelo menos ele divide, com suas propostas de "desperuizar" o País, curando-o das infundáveis e eternas estultices e asneiras.

Já nos escritos de José Seve-

riano de Resende — praticamente inéditos ao leitor contemporâneo — o decalque nas fábulas zoológicas é mais sutil, menos direto mas não menos divertido. Severiano, que era padre — segundo Agrippino Grieco, "uma curiosa figura de boêmio do clero, indeciso entre o sermão e o folhetim" — exerceu seu talento em poemas sobre o porco, o sapo, a girafa e o hipogrifo — este híbrido de mamífero e ave — todos caracterizados por um ritmo contagiante. Mas, basta acostumar-se com o vocabulário, que os seus pequenos ensaios sobre as vidas dos san-

tos surgirão como narrativas primorosas. Se os leitores católicos da época não gostaram — como na fábula do peru — da sua falta de cerimônia com Deus e da sua intimidade meio burlesca com austeras figuras da Igreja, é impossível não se divertir com as narrativas, muito pessoais, de São Sebastião, da Anunciação de Maria ou de São Bento. Até mesmo nos seus exageros, flui aquela simplicidade comovante e encantadora do melhor lirismo, quando ele chama Santa Luzia — a santa dos milagres oftalmológicos — de "Moura Brasil do Céu",

ou quando afirma que São Brás — patrono dos males da garganta — "tornou-se vitalício na função de desengasgar os povos".

Até Olavo Bilac abandona o tom pedagógico e excessivamente patriótico dos seus textos mais conhecidos, para brilhar em crônicas desprestencionais e inspiradíssimas, como na que relembra sua experiência de leitura juvenil dos livros de Julio Verne ou, em outra, emocionada, que trata o Dom Quixote de um prisma muito pessoal e singular. Mas o destaque vai para uma crônica na qual a criação de uma companhia de seguros para burros (que, na época, puxavam os bondes) serve de pretexto para o envolvimento do poeta com criaturas as quais, como o peru da fábula, fossem completamente destituídas de ambição ou delírios de grandeza.

## A FÁBULA ACABA REPRESENTANDO UMA HISTÓRIA BEM REAL — A DO NOSSO PAÍS

Aluísio Azevedo também atenua seus excessos naturalistas, comparecendo com alguns de seus prefácios, cartas e algumas narrativas curtas, relembrando sua infância no Maranhão — todas selecionadas do seu pouquíssimo conhecido livro *Pegadas*, de 1897. Para completar a coleção, um volume com escritos de Coelho Neto — talvez o escritor brasileiro mais ridicularizado pelos modernistas. Injustamente ridicularizado, a julgar pela força li-

terária de histórias como *Firmo, o Vaqueiro* ou *As Palmeiras do Mangue*, que encontrariam lugar privilegiado em qualquer antologia de escritos ecológicos ou voltados para a preservação da natureza.

Com exceção de Tobias Barreto, pertencente à geração anterior, todos esses escritores apostaram nas transformações do País, sonoramente anuncias pelas inaugurações da República em 1889. Todos se tornaram também vítimas de frustrações profundas. As elites republicanas — as quais ele se ligava mas, secretamente, viam como "broncas" e despreparadas — acabaram, no final das contas, por deixá-los à margem das grandes decisões políticas e sociais. Já a maioria da população, com quem esses escritores simpatizavam, sequer os poderia entender, em face das altas taxas de analfabetismo do País. O envolvimento emocional e o enleio lírico desses escritores com fábulas de animais — vistos como criaturas ensimesmadas, sem projetos, desprovidas de ambição ou proibidas de futuro — presas apenas ao círculo repetitivo da vida, expressou talvez a própria condição desses escritores na cultura brasileira. Nesse caso, o peru do círculo de giz ou aquele bicho — cabritinho ou carneiro — que dialoga, sem cerimônia mas, cheio de piedade e resignação, com o próprio Deus, acabam por virar partes da própria história brasileira — e de uma história muito real.

Elias Thomé Saliba é professor de História na USP e autor de *Raízes do Riso*

**Sonhar é bom.  
Com os nossos preços  
é melhor ainda.**



**tudo em 10x sem juros\***  
**a maior loja de móveis, decoração e design que você já viu.** **etna**  
av. luís carlos berrini 2001 sp sac 0800 702 8012